

Sem dúvida, banheiros, ocupam posição ambígua entre os quartos da casa, atualmente, / Posição que oscila entre o totalmente privado e o quase público, (banheiros "sociais"). Tal oscilação pode ser tomada como medida da nossa situação horizontalmente, (a partir da história), e verticalmente, (a partir da estrutura da sociedade). Historicamente, podemos distinguir períodos de banhos públicos, (por exemplo, o Imperio romano e o Islã espanhol), nos quais os banheiros abandonaram as casas para se tornarem palácios, de períodos de banhos tão privados, (por exemplo, o romantismo), que se escondem por trás das casas. Nos períodos públicos, banheiros eram lugares de decisões políticas; nos privados, foram recalçados no subliminar da sociedade. Sociologicamente, podemos distinguir classes que vivem em níveis correspondentes aos banhos privados, (por exemplo, o proletariado urbano), de classes que vivem em níveis dos banhos quase públicos, (por exemplo a classe mostrada pelas fitas de Hollywood). Mas o paralelo entre análise histórica e estrutural é mais complexo. O sub-proletariado vive em níveis de banhos públicos, (se é que toma banhos), e a introdução de saunas e instituições semelhantes complica ainda mais o problema. A hipótese que a ontogénese repete a filogénese, (tão fértil na biologia e psicologia), poderia ser aqui aplicada no seguinte sentido: A estrutura social atual é repetição da história da sociedade, e a posição que nela ocupam os banheiros poderá revelar tanto aspectos da nossa história quanto da situação presente.

Mas para que tal investigação tenha sentido, é preciso perguntar o que são banheiros essencialmente. Obviamente, lugares de limpeza. Lugares nos quais impurezas acumuladas de fora são eliminadas, (por exemplo por lavagem), e também impurezas que irromperam de dentro, (por exemplo, ao fazermos a barba). Ao dizermos isto, provocamos conotações curiosas. A eliminação de impurezas é chamada em Grego "katharsis" e em Hebráico "cachrut", e isto evoca as dimensões filosóficas, morais e religiosas do conceito da limpeza. E evoca também as posições opostas, que a nossa tradição assumia a este respeito. De um lado batismo público, banhos <sup>do</sup> judeus públicos rituais, Pilato lavando as mãos publicamente, e <sup>o extrato</sup> as (limpezas) públicas, ("tchistky") nos países socialistas. Do outro lado, as purificações secretas nos mistérios gregos, o unguir secreto, (lavagem com óleo), do Messias, as confissões secretas nas Igrejas, e o famoso ditado burguês e totalitário que "roupa suja se lava em casa". (De passagem: o nome "Watergate" tem conotações ominosas neste contexto.) De forma que, é difícil definirmos a nossa posição na tradição <sup>no contexto da</sup> no instante no qual entramos em banheira unguido com extrato de óleo de pinho.

Se colocarmos o problema em tais coordenadas, (e não há outras), a questão surge imediatamente: que significa "limpeza"? Implica dois opostos: "sujo - ~~puro~~ limpo", "impuro - puro", "poluído - saudável", "prático - teórico", "acidental - essencial", "engajado - integro", "pecaminoso - santo",

"comprometido - purificado".

VILÉM FLUSSER

Na ~~o~~ <sup>adiante</sup> querer restringir a oposição aos seus aspectos físicos, <sup>atribuindo</sup> ~~dizendo~~ que o banheiro é lugar de limpeza "física", no qual partículas materiais são removidas de corpos humanos. Dizer que são lugar de higiene física, porque "Hygeia" é deusa. (Querer desmitologizar por exemplo lavagens rituais judias dizendo que são higiênicas é portanto inútil.) Remover partículas materiais nos banheiros implica que tais partículas são nojentas e perigosas à saúde, <sup>ou</sup> "náusea" é categoria moral; e "saúde" <sup>é</sup> conceito ligado à "salvação". Devemos aceitar o ~~fato~~ <sup>que toda</sup> <sup>condição</sup> humana ultrapassa o nível físico, (e psíquico e social), para <sup>incorporar</sup> ~~incluir~~ também níveis morais e religiosos. Banheiros são condições humanas. Devemos aceitá-los com todas as suas dimensões, se queremos compreendê-las e libertar-nos da condição que representam.

A oposição "sujo/limpo" (com suas conotações numerosas), é um caso de dialética negativa. Não pode ser sintetizada. Não é como as oposições "direita/esquerda" ou "matéria/energia" que admitem superação dos dois termos. Não posso usar banheiros para superar a oposição "sujo/limpo". Se os uso, engajo-me contra sujeira. Quero restabelecer a limpeza, situação que tomo por originalmente dada. Sou portanto anti-progressista. Engajado contra a acumulação progressiva de sujeira. Sartre tem razão ao dizer que mãos sujas são sintomas de engajamento em progresso. Sartre é contra banheiros. Quer abolí-los. Nisto é romântico, (ou, se preferem, a favor da saliva no rosto de Jesús e contra as mãos limpas de Pilato).

A oposição "sujo/limpo" é lembrete que a nossa cultura se baseia em duas tradições diferentes. Uma, (a grega), concebe a justiça, (dyke), como busca de posição intermédia entre opostos, (justo meio). A outra, (a judia), concebe a justiça, (tsedacá), como busca da vitória do bem, (limpo), contra o mal, (sujo). Para os gregos, a justiça judia é fanatismo, para os judeus a justiça grega é embuste. Não podemos viver ~~sem~~ <sup>sem</sup> ~~uma~~ <sup>esta</sup>, nem sem ~~a outra~~ <sup>além</sup>. Por isto, temos parlamentos de um lado, e banheiros no outro. Num destes lugares elaboramos leis que buscam um justo meio, no outro praticamos leis ~~da~~ <sup>de</sup> em busca da vitória da limpeza. Parece que parlamentos são necessariamente públicos e banheiros privados. Mas não é o caso. Porque a tradição grega, (embora política), tem dimensões existenciais, e a tradição judia, (embora existencial), tem dimensões políticas: de maneira que temos parlamentos privados, (por exemplo: nossa consciência moral) e banheiros públicos, (por exemplo: confissões abertas). ~~A privacidade ou publicidade de banheiros é problema!~~

A razão da oposição "sujo/limpo" não ser sintetizável <sup>está no</sup> ~~é o~~ fato que os opostos não são fenômenos objetivos, mas experiências humanas. A sentença objetiva: "lodo é sujo" não tem sentido. Pode dizer-se objetivamente que <sup>o</sup> excesso de lodo em corpo humano prejudica o funcionamento do corpo. Mas também que <sup>o</sup> excesso de corpos humanos no lodo prejudica a formação de humus. Objetivamente, lodo pode ser sujeira para corpos, e corpos podem ser sujeira para lodo. Sujeira é <sup>uma</sup> variável de dada constante. Nada mais pode ser dito obje

tivamente. De modo que discussões ecológicas sobre <sup>a/</sup>poluição, <sup>Estocolmo</sup> como a de ~~Stock~~  
~~holme em 72~~ são levemente cômicas, se querem ser objetivas. O que é sujo pa  
 ra <sup>americanos</sup> é saudável para <sup>Brasileiros</sup>, e bombas atômicas no Pacífico são  
 sujas para o Japão e saudáveis para a França. Se quisermos transformar o mun  
 do em banheiro, ~~(como querem os "ecofreaks" e pretendem querer os vários Mini~~  
~~stérios de Ambiente)~~, devemos admitir que a atitude-banheiro é <sup>o/</sup>engajamento su  
 jetivo contra sujeira.

Tal argumento parece exagero. Se entro no banheiro, enjaço-me ob  
 viamente no meu corpo contra o bacilo da parodontose, de forma que tenho ra  
 zão em querer matá-lo. Se falo em poluição, falo em sujeira que ameaça a so  
 brevivência da humanidade, e devo combatê-la. É estúpido querer objetivar o  
 problema. Em outros termos: o conceito da sujeira se dá sempre no clima da  
 justiça judia, (do banheiro), nunca no clima da justiça grega, (do laborató  
 rio de ecologia). De modo que ~~Stockholm se justifica, não como reunião cien~~  
~~tífica, mas como engajamento contra sujeira. Engano.~~ <sup>Mas a</sup> ecologia mostra jus  
 tamente os limites da aplicabilidade da justiça judia. Se transformo o mun  
 do em banheiro, morro. Se elimino do mundo os mosquitos sujos, terei preju  
 dizado o equilíbrio do mundo, e finalmente eliminado a mim mesmo do mundo.  
 É isto que <sup>Estocolmo</sup> ~~Stockholm~~ quis: não transformar o mundo em banheiro, mas em labo  
 ratório de ecologia. Mundo no qual não há sujeira, mas problemas de ecologia.  
 Mundo grego sem justiça judia. Felizmente, não deu em nada. Porque <sup>o/</sup>mundo  
 sem sujeira não permite engajamento, já que <sup>o/</sup>tôdo engajamento é contra <sup>o/</sup>sujeira.  
 Mundo gregamente estéril não permite vida humana. (Como não o permite mundo  
 judaicamente engajado). Portanto é bom que o mundo continua <sup>o/</sup>sendo campo de  
 luta entre os banheiros americanos, brasileiros, japonezes e franceses, com  
 territórios <sup>amplos</sup> de ecologia <sup>que os separa</sup> entre estes.

No momento não parece haver <sup>o</sup> perigo de o laboratório vir a substi  
 tuir o banheiro. Embora banheiros se pareçam sempre mais com laboratórios,  
 (dada a nossa tendência para o cientifismo), continuam sendo lugares de enja  
 gamento contra sujeira. Mas trata-se de engajamento ambíguo, e os banheiros  
 o provam. Um aspecto da ambigüidade é a diferença entre tomar banho e fazer  
 a barba já mencionada. Outro é a diferença entre tomar banho e chuveiro. Há  
 outras ambigüidades, mas a consideração destas duas basta para <sup>revelar</sup> mostrar o pro  
 blema.

Ao lavar-me, retiro a sujeira que se acumulou no meu corpo devido  
 ao contacto com o mundo externo. O contacto com o mundo me polui no sentido  
 do de diluir a fronteira entre mim e o mundo. Sujeira é aquela zona indefini  
 da que se coloca entre mim e mundo. Ao lavar-me, restabeleço a diferença niti  
 da ente mim e mundo. O ato da lavagem é a método para a redescoberta de mim  
 mesmo. Renasço tōda vez que me lavo, e isto é muito próximo ao sentido de  
 "salvação", "katharsis" e "cachrut". E também muito próximo ao conceito da  
 pureza como essência e <sup>o/</sup>impureza como acidente. O ato do lavar é <sup>o/</sup>protótipo

VILÉM FLUSSER

de muitas das nossa concepções filosóficas, morais e religiosas. Mas ao fazer a barba, ~~faço~~ <sup>aponto</sup> um aspecto inteiramente diferente de "limpeza". Retiro algo que esteve escondido dentro de mim, e que se revelou sujo ao se tornar visível. Isto sugere que dentro de mim existe algo de sujo, e que devo limpar-me a mim mesmo. Também esta ideia está profundamente enraizada nos nossos mitos. Por exemplo no mito órfico que afirma termos componentes sujas, "titânicos", que precisam ser eliminadas com a ajuda de um salvador, ("soter"). Ou o mito judeu <sup>crístão</sup> que afirma termos componentes sujas, ("pecado original"), que precisam ser eliminadas com a ajuda de um salvador, (o Messias). Paralelos de tais mitos podem ser facilmente identificados na psicanálise e no marxismo. A lâmina de fazer barba como protótipo do salvador, (e de outros conceitos mais imanentes), não é ideia fantástica, especialmente se considerarmos o quanto a lâmina pode ser perigosa.

Mas a diferença mais importante entre o lavar-se e o fazer a barba <sup>está no espelho</sup> ~~é~~ que ~~no segundo caso~~ preciso de espelho. No lavar, dispensei espelhos, porque se trata de ato no qual ~~distingo~~ <sup>distingo</sup> entre mim e mundo. Contemplo, ao fazer isto, a fronteira entre mim e mundo. Mas, ao fazer a barba, distingo entre o que é puro em mim e o que é sujo. Contemplo, ao fazer isto, a mim mesmo. E transformo a introspecção em reflexão graças ao espelho. Tal reflexão é também "katharsis", ~~em efeito é aspecto importante dos mistérios gregos.~~ Mas se é também "cachrut", (e salvação cristã), isto é que é duvidoso. É duvidoso se posso, ~~eu~~ sem a ajuda do Massias, cortar as próprias impurezas. (É sintomático que o ritual judeu proíbe fazer a barba.) De modo que o marxismo e a psicanálise, (que ~~advogam~~ <sup>advogam</sup> fazer a barba), são bem mais gregos que judeus neste sentido, <sup>embora</sup> a razão disto se torna mais clara se considerarmos outra função do espelho no banheiro.

São usados não apenas para fazer a barba, mas também <sup>para a</sup> maquiagem. Mudar o rosto para que outros me possam ver como eu quero ser visto. Será isto ainda limpeza? Sim, se "limpeza" for definida como engajamento contra a sujeira. Não, se "limpeza" for definida como remoção de sujeira. A maquiagem ~~esconde~~ <sup>oculta</sup> sujeira. Isto ainda é "katharsis" em certo sentido, porque é prostituição, e prostituição tem raízes sacras. Obviamente o banheiro se localiza a meio caminho entre templo e bordel, e basta contemplá-lo para vê-lo. Mas estamos tentados a dizer que isto nada tem a ver com "cachrut", que isto é o contrário da "salvação" no sentido judeo-cristão do termo. A conclusão, no entanto, pode ser precipitada. O sacro é misterioso. Não foi Maria Madalena quem lavou os pés do Cristo? E a fundadora da dinastia de Davi, (portanto de Mesás), não era prostituta? E melhor largarmos, neste ponto, as considerações da sacralidade, especialmente em atmosfera tão pesada e nebulosa como é a do banheiro.

Mais perturbador ainda, (se isto for possível), é a diferença entre entrar na banheira e tomar chuveiro. O chuveiro, a purificação violenta, é

tótipo do puritanismo. A banheira, a imersão no amorfo da água, é protótipo do hedonismo. E ambos servem o mesmo propósito: limpeza. O conforto luxurioso e luxuriante da banheira, e a flagelação do chuveiro são dois métodos equivalentes. Se considerarmos ainda que dispomos de água fria e quente, (tão fria que pode fechar os poros ao mundo externo, <sup>ou</sup> tão quente que pode fazer evaporar toda sujeira, mas misturável para resultar em banho morno), e se considerarmos que dispomos também de sabão, (que pode corroer toda gordura luxuriante, mas também envolver-nos em espuma luxuriosa), se considerarmos tudo isto, verificaremos o quanto é ambíguo o engajamento contra a sujeira. O quanto é difícil distinguir-se ente pecador e santo. O banheiro é o lugar no qual acese pode virar masoquismo, engajamento pode virar ócio, luta contra sujeira pode virar abandono ao luxo. ~~Não é preciso considerar Lady McBeth, e como constantemente lava as mãos, para sabermos que a proeminência atual dos banheiros é sintoma duvidoso.~~ Banheiros são irrupções surpreendentes das esferas morais e religiosas para dentro do mundo profano do nosso dia-a-dia.

Com efeito, banheiros ocupam posição ambígua entre os quartos da casa. Futuros arqueólogos talvez os examinarão mais de perto que os nossos demais restos para saberem quem fomos, como vivemos, agimos, pensamos e sofremos. Os seus azulejos asépticos, os seus tapetes extravagantes, os seus apetrechos complexos e suas côres pastel serão certamente reveladores. E nós também podemos tentar tomar distância dos nossos banheiras para compreendê-los, modificá-los e modificar, destarte, noso estar-no-mundo. Mas será distância isto? Não será isto típica atitude-de-banheiro, (no sentido de engajamento contra sujeira?) E assim se fecha em círculo esta especulação banheiresca.